

# UMA ESTRATÉGIA DIDÁTICA NO CONTEXTO DA SEXUALIDADE: ENTRE OS DILEMAS DOS ALUNOS E AS PRÁTICAS DOS EDUCADORES NUMA ESCOLA EM PARNAÍBA - PI

Roberto Vinicio Souza da Silva<sup>1</sup>

Francisca das Chagas Oliveira Barroso<sup>2</sup>

## RESUMO:

O presente artigo elucida as representações da sexualidade descritas no prédio de uma escola pública, desvelando a curiosidade dos educandos como possibilidade de construção de uma identidade sexual e a maneira como os educadores se apropriam dessas questões em sala de aula. Esta proposta é relevante porque permite uma análise holística sobre os dilemas e diálogos entre gênero e sexualidade. Destarte, se tem como objetivo geral: Pesquisar as representações da sexualidade no espaço físico de uma escola pública na cidade de Parnaíba - PI. Enquanto que os específicos são: Compreender o termo sexualidade e os impactos disso na construção da identidade dos sujeitos, analisar a escola como um espaço de representação da sexualidade, identificar as inscrições, exageros e manifestações dos órgãos sexuais no prédio escolar e Perceber as perspectivas dos professores do ensino fundamental (1 ° ao 5 ° ano) da sexualidade no contexto da sala de aula. Para fomentar as discussões utilizou –se: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e dentre os autores: Freire (2011), Louro (2004), Junqueira (2009), entre outros. Para a metodologia, fez – se necessário uma pesquisa de campo com expressão qualitativa direcionada à alguns educadores da rede pública de ensino. Por fim, fica evidente que a educação formal esta diretamente conectada com o desenvolvimento, sobretudo reflexivo do diálogo entre sexualidade, por isso, é indispensável que os educadores se apropriem de estratégias teóricas – metodológicas capazes de escutar e visibilizar os dilemas que reverberam sobre o contexto das identidades sexuais dos educandos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade. Escola pública. Prática Docente.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe-se a refletir sobre as representações não verbais que os alunos rabiscam no banheiro de uma escola. Nesse sentido, nos apropriamos desses elementos para fazemos uma releitura da sociedade, dos paradigmas normativos atribuídos aos homens, mulheres. Além disso, pontuamos as principais curiosidades que os educandos apresentam, suas visões distorcidas e estereotipadas, sobretudo dos órgãos sexuais masculinos e femininos, constatou – se também as representações atribuídas as demais identidades sexuais. Diante deste contexto é indispensável identificar a postura dos educadores ao verificar que os jovens na efervescência de sua adolescência estão inundados de curiosidades e necessitam de uma discussão entre sexualidade, que se configure em sala de aula.

<sup>1</sup> Programador; Graduando em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI; bolsista pelo PIBID. E-mail: robertoviniuspshb@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI; bolsista pelo PIBID.

Parafraseando Louro (2000) a sexualidade, sobretudo no Brasil é legitimado como um assunto próprio da vida privada. No entanto, muitas meninas e meninos ao perceberem que seus corpos estão se transformando, buscam informações, com a finalidade de compreenderem estes processos. Contudo, onde encontrar essas respostas? O que é ser homem ou mulher? Quem estar disposto a falar abertamente e de maneira esclarecedora sobre sexo? A curiosidade dos discentes seriam indícios para que a escola possa trabalhar a transversalidade deste tema com os alunos? Qual a postura da escola diante da sexualidade docente e discente?

Estas e outras interpelações serão analisadas de maneira crítica e reflexiva no ensino fundamental menor (1º ao 5º) sobre a perspectiva dos educadores. Assim, se tem como objetivo geral: Pesquisar as representações da sexualidade no espaço físico de uma escola pública na cidade de Parnaíba - PI. Enquanto que os específicos são: Compreender o termo sexualidade e os impactos disso na construção da identidade dos sujeitos, analisar a escola como um espaço de representação da sexualidade, identificar as inscrições, exageros e manifestações dos órgãos sexuais no prédio escolar e Perceber as perspectiva dos professores do ensino fundamental (1º ao 5º ano) da sexualidade no contexto da sala de aula.

Diante do exposto, fica evidente a necessidade de se trabalhar os elementos que constituem e que cercam a sexualidade. As reflexões esboçadas nesse artigo preocupam-se com: O processo formativo dos indivíduos, sua curiosidade, as fontes que nossos jovens buscam para manterem – se informados, a postura da escola diante deste contexto e as construções sócio – históricas de homem e mulher na sociedade brasileira.

## **1. SEXUALIDADE: UM OLHAR AS PARTIR DOS PCNS**

Na contemporaneidade, muitas são as possibilidades sobre a qual os indivíduos podem estabelecer contato com a sexualidade. A educação sexual perpassa, sobretudo os eixos da mídia, da família, dos grupos, movimentos e instituições sociais. Embora muitas vezes, seja legitimado a invisibilidade.

Nestes ambientes são elencados conceitos, muitas vezes exagerados, errôneos levianos e porque não verídicos? O discernimento atribuído ao caráter “certo” ou “errado” é variável, principalmente a família ocupa esta função punitiva ao aprendizado sobre sexo, considerando que seja um assunto que mereça ser protelado, mais até quando?

Quando é o momento exato para aprender sobre isso? Na escola pode falar sobre estas questões? De que maneira? O professor também tem crise em sua identidade sexual? Como ele



administra estas questões? Estas e outras indagações são próprias de meninas e meninos, por vezes são consideradas irrelevantes. No entanto, compreendendo a necessidade destas indagações para o desenvolvimento dos adolescentes e jovens, tentaremos responder, levando em consideração, sobretudo a reflexões dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

A construção da identidade sexual dos indivíduos se configura de forma aleatória, dinâmica, motivada pelas referências sociais, históricas e culturais, a qual esta imersa o sujeito. Em virtude, disso, não se pode definir um momento exato neste processo.

As manifestações da sexualidade infantil mais frequentes acontecem na realização de carícias no próprio corpo, na curiosidade sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas, nas piadas e músicas jocosas que se referem ao sexo, nas perguntas ou ainda na reprodução de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta. (BRASIL, 1997, p. 88)

Embora não existe um momento específico para a curiosidade, compreensão e vivência plena da orientação sexual. Os PCNs orientam que estas questões devem ser trabalhadas a partir da quita série. Contudo, o limite no trabalho destas questões em sala de aula deve ser o respeito, a diferença de concepções sobre este eixo em análise e os processos de maturação dos alunos.

Chegam em sala de aula, meninas e meninos imersos na curiosidade, por descobrirem um site, um programa de televisão ou em uma conversa descontraída com uma colega mais experiente, alguns elementos que ressignificam suas concepções sobre os dilemas da sexualidade.

Contudo, ao adentrarem o ambiente escolar silenciam bruscamente tais informações por considerarem inconvenientes para as discussões. Algumas vezes, eles em uma brincadeira ou outra soltam uma piadinha com o conteúdo recém-aprendido. Não existe freios para esta aprendizagem, pois a sexualidade se configura na visão de Weeks (2000) não se define como sendo pertinente ao instinto do ser humano, mas como um processo reflexivo, um fenômeno social e histórico que o conduz a uma realização de seus desejos.

Na escola de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é indispensável abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto - referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Além disso, neste espaço formativo as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno.

Ao se trabalhar no contexto da educação formal a principal pretensão é manter um diálogo entre os conhecimentos do aluno em consonância com a diversidade de conceitos sobre as questões pertinentes a sexualidade que se configuram sobretudo, nas ideologias das famílias dos educandos. Esta problemática esta presente no currículo da escola na perspectiva da transversalidade. Contudo, podemos elencar em consonância com os PCNs três fatores que impossibilitam a discussão na escola. O primeiro: O não envolvimento da escola nestas questões delicadas de sexualidade; A não aceitação de todos os pais de crianças para uma reflexão aberta com seus filhos; por últimos e não menos importante, a qualificação e propriedade do educador no domínio do assunto.

Enquanto, a escola não superar esta problemática esboçada, dificilmente trabalhara a emancipação e o protagonismo do educando no que diz respeito a uma vivencia saudável de sua sexualidade e gênero. As vantagens em se refletir a questão da sexualidade da escola são enormes: Previnem doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), gravidez na adolescência e promovem a difusão de informação segura. Enquanto não se efetiva este dialogo abertamente na escola, de forma a perpassar os conteúdos das mais diversas disciplinas, ficam nos corredores, banheiros, carteiras, entre outros espaços da escola a presença e as descobertas pelos alunos da sexualidade.

## **2. UMA ABORDAGEM CIENTIFICA: TRABALHANDO OS CONCEITOS DESCRITOS NO PRÉDIO ESCOLAR**

Considerando a exposição anterior ficou evidente que nos Parâmetros Curriculares Nacionais a sexualidade é um fator indispensável como uma proposta transversal em sala de aula, nesse sentido, os educadores devem refletir criticamente sobre esta perspectiva e assim, ampliar suas discussões neste âmbito. Por onde começar a falar sobre sexualidade com os alunos? Quais estratégias metodológicas poderiam ser utilizadas? Como levar os educandos a refletir sobre sexualidade de maneira holística? Porque os alunos não falam sobre isso abertamente na escola? Em contraste a este interpelação, porque rabiscam alguns esquemas da sexualidade principalmente nas paredes dos banheiros?

Considerando os desenhos nos banheiros e dialogando com as concepções de Paulo Freire (2011) é necessário que a educação esteja conectada com a realidade do educando. Partindo deste pressuposto, iremos desvelar os dilemas no contexto da sexualidade e gênero inscritos pelos alunos no banheiro da escola, considerando que os símbolos apresentados nesses espaços são reconhecíveis pelos alunos. Essa poderia ser uma possibilidade para se começar a trabalhar essas questões em sala de aula. De maneira geral, neste espaço existem inscrições sem o menor pudor, sempre circunscritas



sobre a perspectiva dos exageros dos órgãos genitais, posições sexuais, da visão estereotipada do homem e da mulher, além disso, foi observado o preconceito e a discriminação contra os LGBTTs<sup>3</sup>.

Os homens são descritos como sendo viril, além disso, acrescenta Junqueira (2009) são forte, corajoso, inflexíveis, frívolos, ativos e gostam de esportes, esta descrição anula qualquer condição que tente elucidar a sensibilidade destes. Além desta representação, Peter Fry e Edward Macrae (1985, p. 48). Também refletem sobre a ideia que se propaga no sensu comum sobre a figura masculina. Para eles o homem é visto como um ser ativo.

A superioridade social do "ativo" sobre o "passivo" nitidamente expressa-se nas palavras de gíria que usamos para, falar das relações sexuais como "comer " e "dar", "ficar por cima" e "abrir as pernas ". Quem "come", vence, como um jogador de xadrez que tira as peças de seu adversário do tabuleiro , " comendo-as" . Quem "come " está "por cima" e quem está por cima é quem controla . Quem "da" ou quem " abre as pernas " é quem se rende totalmente.

Estes autores acima conseguem exprimir com precisão os dilemas, as expressões e as construções que reverberam no sensu comum principalmente no contexto dos alunos sobre o perfil do homem. As mulheres são referenciadas apenas como objeto sexual, segundo o que pôde ser observado, elas são representadas apenas pelos seios, vagina e anus. Deste modo fica evidente que os discentes as compreendem apenas sobre a perspectiva da submissão, que devem ceder ao poder do macho.

Estas definições não são alheias das construções sociais, para além da escola parafraseando Junqueira (2009) a mulher é ensinada as labutas de casa, manterem-se virgens até o casamento, cuidar de crianças e, sobretudo, é vista como sexo frágil. A sociedade legitima aos indivíduos regras responsáveis por estabelecer padrões a serem seguidos, cabendo em muitas das vezes reproduzir sem compreender. Para Gallo (2009, p. 32 e 33), “[...] A maior parte dos indivíduos apenas “reproduz” a ideologia, sem tomar parte do processo de sua construção”.

Com a sexualidade na escola não é diferente. O pudor e o medo de expor-se coloca alguns indivíduos na defensiva, educadores e aprendizes não discutem criticamente este eixo temático, na concepção de Lopes (2008), Na sala de aula, entram-se corpos que não têm desejo, que não pensam em sexo ou que são especialmente dessexualizados para adentrar a este recinto, como se o corpo e a mente existisse isoladamente um do outro. O fato desta invisibilidade no contexto da

---

<sup>3</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Esta terminologia foi aprovada no Brasil durante a I Conferência Nacional de Políticas Públicas LGBTT em 2008.

sexualidade esta relacionada com a intencionalidade política, cultural e social é sabido que as práticas nas escola de acordo com Freire (2011) não pode ser neutra. Para Bourdieu e Passeron (2010) percebemos que a escola acaba por reproduzir os padrões de vida das classes dominantes, no tangente a sexualidade a escola reproduz a condição heterossexual.

Para se confirmar o que esta sendo exposto, podemos agora continuar verificando o preconceito e a discriminação descritas com as demais identidades sexuais, as descrições são sempre bem visíveis e sempre colocam em xeque as Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. As relações de poder sistematizam políticas que inibem os sujeitos desviantes<sup>4</sup>, isto compreende, desde agressões verbais às ações violentas de discriminação, marcadas pela eliminação do outro como estratégia para suplantam a heterossexualidade. Para Louro (2000) a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mais social e política, segundo, ao fato de que a sexualidade é “aprendida”, ou melhor é construída, ao longo da vida, de muitos modos e por todos os sujeitos. É relevante tencionar no contexto da escola, algumas instituições ainda não privilegiam a diversidade em suas representações. No entanto, a discriminação é apenas um dos elementos que fomentam e estigmatizam os que configuram - se não heterossexuais.

Costumeiramente na educação formal se escuta expressões inibidoras como expões Peter Fry e Edward MacRae (1985) roleiro, bicha, puta, maria-homem, veadinho, além de expressões excludentes e violentas, as vítimas são indivíduos que transgredem as normas estabelecidos aos gênero masculino e feminino. O comportamento aceitável, ‘normal’ caracteriza-se apenas os heterossexuais.

Fora dos muros da escola, situações como estas facilmente são constatadas. Contudo, na medida em que as relações de poder constroem uma “norma” sexual a ser seguida, acaba por definir também a que não deve, em outras palavras, ao se definir o “normal” também se demarca o “diferente”. Para Louro (2004) podemos compreender que as fronteiras são locais de incidência, trocas, conflitos, ao passo que separa põem em contato grupos culturais distintos.

Nessa relação binária de gêneros e, concomitantemente, de sexos, cada um, na perspectiva de seu sexo genital tem um script social a seguir, mediante determinação social, mesmo dentro de determinadas arbitrariedades. Pois a legitimidade de tal padrão nos papéis sociais e sexuais passa pela institucionalização da normalidade dirigida pela igreja, pela família e pelo Estado. (LOIOLA, 2009, p. 43).

---

<sup>4</sup> Expressão utilizada por Louro (2000) no Livro Corpo educado pedagogia da sexualidade



Neste sentido, a reflexão deste estudo partem da concepção que a sexualidade seja um “dispositivo histórico” (FOUCAULT, 1993, p. 100). Ou seja, a sexualidade é uma invenção social, construída historicamente sobre o prisma de diversos discursos sobre o sexo, e conseqüentemente sobre o corpo que por sua vez recebe influência da sociocultural de cada etnia.

Os transgressores da heterossexualidade são então todos aqueles que por vontade própria decidem ao estabelecer contato com o “diferente”, buscar em novas possibilidades a vivência da sexualidade, ampliando o “surgimento” de novas identidades sexuais. A busca por identificar o que está certo ou errado, condiciona as pessoas a condenarem o que jugam errado, deste modo, vivemos em uma sociedade tradicionalista que tem por padrão a heterossexualidade. Contudo, compete a escola investir em políticas públicas como estratégia para a difusão de uma cultura de paz, igualdade e cidadania.

Não podemos silenciar e aceitar apenas essas descrições e concepções estereotipadas e simplistas, mais questionar esses dilemas que os alunos possuem sobre a sexualidade e gênero, com a finalidade de termos uma sociedade mais justa e igualitária. Considerando as representações sobre gênero sexualidade, o educador pode utilizar alguma coisa, principalmente as releituras que os alunos fazem do homem e da mulher, o preconceito contra as demais identidades sexuais para discutir a transversalidade com os alunos. Pois a realidade dos banheiros é muito visível e constate, apesar disso, ainda não temos conceitos claros sobre o porque as pessoas rabiscam os banheiros com essas simbologias. Aqui falamos mais sobre os banheiros não essas representações ultrapassam este espaço.

### 3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como percebido os educandos ainda possuem uma concepção estereotipada sobre os atores no contexto da sexualidade, em virtude disso, nesta sessão, será refletido no sobre a perspectiva dos educadores suas estratégias e concepções sobre a sexualidade, além disso, será possível identificar como isso se configura em sala de aula. Na mesma escola em que se fez a observação anterior, no prédio desta instituição funcionam do 1º ao 5º do ensino fundamental menos, colhemos também as concepções dos educadores sobre sexualidade e gênero. Nos apropriamos da estratégia qualitativa no contexto da pesquisa de campo, assim, utilizamos a técnica do questionário, esse foi direcionado ao educadores do turno da tarde de uma Instituição pública na cidade de Paraíba – PI. Dentre as questões respondidas pelos profissionais da educação, discutiremos apenas duas pois acreditamos serem relevantes nesta proposta.

A escola foi selecionada pelo fato de ser uma instituição que rotineiramente o prédio escolar passa por pinturas, o intuito da direção é sempre cobrir as marcas e inscrições dos elementos que compõe a sexualidade, principalmente órgãos e posições sexuais. Portanto, um vestígio crucial para fomentar algumas interpelações que contribuíram com a elaboração desta pesquisa. Além disso, essa instituição está inserida em um contexto extremamente violento, nos arredores há presença de uso e tráfico de drogas, as adolescentes iniciam-se precocemente sua sexualidade, neste caso é “normal” a gravidez na adolescência, os pais dos alunos a maioria são pedreiros e as mães domésticas.

Por questões de ética, os educadores e a instituição que contribuiu com esta pesquisa não serão referenciados pelos seus respectivos nomes, os primeiros serão caracterizados como **P1**, **P2** e **P3**. Ao longo da análise haverá fuga entre os gêneros dos educadores a razão aqui está relacionado com questão de adequação para manter a coerência entre verbos e sujeitos da norma culta brasileira. Foi perguntado:

### **Quais as manifestações de sexualidade você já presenciou em sala de aula?**

**P1.** Essa manifestações são presenciadas constantemente com crianças de 4 e 6 anos. Acredito que é natural nesta fase de descoberta esta questão da sexualidade. Assim, um beijo na boca, um abraço, terá conotação apenas de descoberta não sendo responsável por direcionar a orientação e os desejos sexuais do indivíduo.

**P2.** Alguns gestos obscenos, toques nos próprio órgão genitais (isso se dá mais pelos meninos), danças provocantes e sensuais (as meninas) e músicas de teor erótico.

**P3.** Não presenciei nenhuma manifestação aparente, em sala, que expressasse a sexualidade dos alunos.

No argumento de **P1** existe uma contradição, primeiro é dito que os gestos fazem parte do contexto da sexualidade posteriormente é negado. Em virtude disso, é percebida que esta educadora não consegue sistematizar seus argumentos de forma coerente. De acordo com os PCNs essas manifestações constituem configurações claras da sexualidade. Enquanto isso, **P2** já compreende essas questões de forma efetiva.

Para além dessas questões **P2**, argumenta que nunca percebeu nada, nas relações entre os alunos, que estivesse relacionado com a sexualidade, enquanto isso, o prédio da escola esta passando constantemente por pinturas, para encobrir as marcas das representações sexuais, isso não seria no mínimo estranho? Sobre esta visão da educadora, Argumenta Ribeiro (1977) A escola



passa a ser uma ilha, uma sociedade fechada com ritmos e rituais próprios, diferentes daqueles que os alunos vive “lá fora”, dentro da escola ele não é mais uma criança ou um adolescente, ele é um aluno. Muitos professores ainda insistem em tentarem desvincular os jovens e crianças de seus contextos sociais. Posteriormente, foi perguntado:

### **Quais os desafios e vantagens em se trabalhar gênero e sexualidade na escola?**

**P1.** As vantagens compreendem será preparar melhor os adolescentes para conhecer o próprio corpo, evitar doenças sexuais, gravidez indesejável, respeito ao corpo do outro.

**P2.** O grande desafio é fazer com que eles escutem e se sintam seguros em perguntar e tirar suas dúvidas. A vantagem em trabalhar a sexualidade é evitar que nossos jovens iniciem sua vida sexual precocemente sem nenhuma informação de como se prevenir contra as doenças e uma gravidez não planejada.

**P3.** Dificuldades: maturidade dos alunos, ideologias da família. Enquanto que as vantagens: sujeitos mais reflexivos e tolerantes quanto questão da sexualidade.

Nesta questão **P1**, **P2** e **P3** concordam que as discussões sobre sexualidade na escola possuem vantagens, **P2** e **P3** estão preocupadas no que diz respeito as vantagens com as questões das doenças, gravidez, a professora **P3** consegue ir além desses dilemas e foca sua análise nas questões de tolerância entre os indivíduos, aqui entram os dilemas de segregação aos não heterossexuais. Assim, é necessário,

[...] desestabilizar as “verdade únicas”, os restritos modelos hegemônicos da sexualidade normal, mostrando o jogo de poder e de interesses envolvidos na intencionalidade de sua construção; e, depois, apresentar as várias possibilidades sexuais presentes no social, na cultura, na política da vida humana, problematizando o modo como são significadas e como produzem seus efeitos sobre a existência das pessoas. (FURLANI, 2003, p. 69).

É indispensável esta postura de difusão de uma consciência em prol do respeito e tolerância, o primeiro passa para trilhar estas perspectivas é um trabalho pedagógico efetivo capaz de criticar e dialogar com todas as identidades sexuais. Mas para isso, existem algumas dificuldades, a **P1** não conseguiu sistematizar suas concepções, **P2** diz que o grande desafio é fazer com que os alunos escoltem as discussões, neste primeiro momento parece contraditório, pois normalmente as questões da sexualidade é um assunto muito atrativo, portanto, há uma interação, por outro lado, caso o educador não possua um domínio de sala dificilmente ele conseguirá refletir sobre a temática, pois os alunos começam a expor inúmeras questões. Se este for o caso ela deve rever criticamente suas prática.

Enquanto isso, **P3**, argumenta a respeito das dificuldades em se trabalhar esta questão em sala de aula, atribui a maturidade dos alunos e as ideologias da família. Considerando este argumento é possível entender a postura desta educadora ao dizer que não trabalha estas questões em sala de aula. Além disso, em outra questão ela diz que se torna indiferente neste processo, contudo, reconhece que este eixo temático é uma parte integrante portanto, merece atenção. O fato, dela não refletir com os alunos de acordo com a última fala da mesma, esta muito relacionado com o pudor e com a moral que reverberam sobre este contexto.

Toda cultura e cada sociedade institui uma moral, isto é, valores concernentes ao bem e ao mal, ao permitido e ao proibido, e à conduta correta, válidos para todos os seus membros. Culturas e sociedades fortemente hierarquizadas e com diferenças muito profundas de castas ou de classes podem até mesmo possuir várias morais, cada uma delas referida aos valores de uma casta ou de uma classe social. (CHAUI, 2000, p. 436).

É sabido a existência destes dilemas acima mencionados contudo, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais o que não se pode haver é uma catequese, em outras palavras, que apenas uma concepção e uma linhagem ideológica explique os dilemas da sexualidade. Mais permitir o diálogo entre várias ideologias que trabalhem esta questão. Diante do exposto, ficou evidente alguns destes educadores já trabalham outros não pelo menos de maneira didática e contextualizada com a realidade dos alunos. Contudo, foi possível reconhecer que apesar dos conflitos com a cultura e com a moral social esta discussão esta invadindo, de maneira formal o contexto da educação. Enquanto, isso, os alunos continuam a representar suas curiosidade e imaginação no prédio escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Primeiramente o artigo se propõe a refletir sobre a sexualidade a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, elucidando que as manifestações da sexualidade estão presentes destes as relações mais sutis às mais corriqueiras que se materializam no contexto da escola.

Posteriormente, elucidar as representações que os alunos fazem na escola, aqui buscou analisar sobre uma abordagem sociológica e antropológica, pois não foi desconsiderado o regionalismo e as características e expressões reconhecidas pelos sujeitos que participam daquele contexto social. Com isso, pode ser observada a figura machista que reverberam sobre as construções e definições da condição de ser macho, além disso, também ficou evidente que para a mulher deveria ocupar sempre a posição de submissão ao primeiro, além disso, verificou – se



também expressões que delineavam um perfil marginal aos homossexuais e demais identidades sexuais aos indivíduos não heterossexuais.

Por fim, buscou-se nas falas das educadoras reconhecer no contexto de suas praticas em sala de aula, a maneira como elas abordavam a questão da sexualidade com os alunos. Com isso, percebeu-se que o grande avanço que a educação formal precisa rumo ao protagonismo e igualdade de todos os alunos no contexto da sexualidade e gênero. Portanto, Necessita de um trabalho mais efetivo sobre sexualidade devido a postura dos alunos sobre a visão estereotipada e preconceituosa.

## REFERENCIA

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean - Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. Reynaldo Bairão. 3 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2010.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação**: desafios para a prática pedagógica. IN: MOREIRA, Antonio F.; CANDAU, Vera M. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**. v. 1: A vontade de saber. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 43ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual: possibilidades didáticas**. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GALLO, Silvio. **Subjetividade, ideologia e educação**. Campinas- SP: Editora Alínea, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**: Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOIOLA, Luís Palhano. **Sexualidade, gênero e diversidade sexual**. IN: COSTA, Adriano H. C.; JOCA, Alexandre M.; LOIOLA, Luís P. (Org.). Desatando nós: fundamentos para uma práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

LOPES, Luiz Paulo Moita. **Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer**. In: MOREIRA, Antônio Fávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). Multiculturalismo diferenças culturais e práticas pedagógicas. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade**. IN:\_\_\_\_\_ (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz T. da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. IN: LOURO, G. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** Trad. Tomaz T. da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

